

**RESENHA**

**Política Nuclear Brasileira<sup>1</sup>**

**Camila Benesi, Ailson Reis, Vanessa Olavo & Tatiana Matsumoto<sup>2</sup>**

O Brasil, mesmo sendo um país pacifista, necessita de investimentos no desenvolvimento de projetos nucleares, como o enriquecimento de urânio na aplicação da energia nuclear.

Consonante com nossa história econômica, nas décadas de 1940/50 o Brasil apresentou um invejável crescimento em sua economia, e data daquela época o início da corrida nacional em investimentos de pesquisa na área nuclear.

Porém, na década de 1970, devido ao primeiro choque do petróleo (1973), o Brasil passou por uma grave crise econômica, pois grande parte do petróleo consumido ainda era importado.

Não obstante, no decênio seguinte o Brasil amplia suas pesquisas nucleares, desenvolvendo significativamente a técnica de enriquecimento do urânio, utilizando-se da investigação já realizada sobre tal tecnologia e posta em prática por países mais desenvolvidos nessa matéria como Estados Unidos e Alemanha.

Com efeito, o desenvolvimento da energia nuclear é importante para nós, pois para o Brasil poder avançar industrialmente, será necessário o consumo de uma maior quantidade de energia em relação ao que recentemente é produzido e consumido no país.

Aliás, nós ainda sub-consumimos energia; no entanto, só as hidrelétricas não comportariam aumento de consumo, portanto é necessária a utilização também da energia nuclear como fonte complementar e alternativa secundária.

Secundária porquanto a prioridade nacional são as hidrelétricas, pois segundo o almirante, Otton da Silva, o parque hidrelétrico nacional “é mais valioso que as reservas de petróleo da Arábia Saudita”, além do que o petróleo é uma fonte de energia esgotável.

De acordo com da Silva, é necessário sabermos fazer uma boa gestão de nossas fontes, saber aproveitar os recursos energéticos, quando os temos e mesmo quando não os temos. Ele cita a França como um exemplo de país que é deficiente em fontes minerais e, portanto, utiliza-se da dominação dos recursos de países africanos para suprir suas necessidades energéticas.

---

<sup>1</sup> Resenha elaborada sobre a Palestra proferida pelo almirante, Otton da Silva, no Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, em 9 de Junho de 2004

<sup>2</sup> Acadêmicos do 2.º semestre de Relações Internacionais /Belas Artes, os quais compareceram à citada Palestra, acompanhados do Prof. Dr. Nilson Araújo de Souza, titular das disciplinas de Economia Política, Formação Econômica e Social do Brasil e Economia Brasileira Contemporânea.

A capacidade energética é um item representativo da qualidade de vida. Quanto maior o consumo de energia, maior é a qualidade de vida de um país; o Brasil necessita expandir sua capacidade energética, ampliando-a através da alternativa nuclear, além da produção das hidrelétricas, diz o Almirante.

De todas as fontes de energia que possuímos no Brasil, a energia gerada pela força hídrica é a mais abundante, posto que as hidroelétricas brasileiras são a maior fonte energética do país, e produzem a maior parte da energia consumida. Já as Fontes Térmicas – como sabemos – produzem energia através da queima de combustível fóssil e termonuclear. (O Brasil está investindo na produção de usinas termonucleares). Por sua vez, a energia produzida pela Biomassa (matéria orgânica usada como combustível), e pela força Eólica (movida pelo vento) servem apenas como fontes complementares.

Dado que a reserva brasileira de petróleo é pequena e haveria possibilidade da queima desse combustível fóssil para produção de energia, visto que seria necessária grande quantidade desta fonte para este fim, o que seria um problema, pois já há um grande consumo de petróleo para outras finalidades além do combustível.

Um dos problemas apresentados em relação à usina termelétrica reside no prazo de investimento em sua construção. É necessário pelo menos dez anos de investimentos para construção de uma termelétrica, prazo longo este em relação aos demais investimentos. Enquanto isso, a construção de uma barragem de usina hidrelétrica, além de levar menos tempo, apresenta múltiplas utilizações, quando bem planejada.

Deste modo, o Brasil precisa investir em mais estudos, programas e incentivar fundações de pesquisas em relação às fontes de geração de energia, principalmente a nuclear, que atualmente vem sendo a melhor alternativa secundária.

Houve recentemente uma certa polêmica internacional (diga-se norte-americana) em relação à política nuclear brasileira. O Brasil não permitiu a vistoria da usina nuclear localizada em Rezende, estado do Rio de Janeiro, o que provocou um questionamento mundial sobre a produção de armamentos nucleares por parte do Brasil.

Mas segundo o almirante, da Silva, a não permissão nacional à fiscalização deve-se ao sigilo tecnológico de produção de energia nuclear, afinal o Brasil detém conhecimentos suficientes para enriquecimento de urânio, utilizando-se de pouco investimento, porém com produção de qualidade. Isto tem provocado uma certa curiosidade por parte de outros países em conhecer a tecnologia nacional, arrematou da Silva.

A detenção de conhecimentos em energia nuclear resume-se não apenas numa questão econômica, mas também, numa questão de soberania nacional, a fim de evitar a dominação exclusiva dos países desenvolvidos em relação a estes recursos. Portanto, a polêmica gerada sobre o Brasil foi uma artimanha utilizada, principalmente pelos Estados Unidos, para poder conhecer a técnica nacional, uma vez que o Brasil se recusou a mostrar totalmente a forma como é produzida.

Na verdade, os norte-americanos alegaram preocupação com o Brasil sobre a produção de armas nucleares, visto que o país assinou o tratado de não-proliferação de

armas nucleares, e assim, não poderia estar se recusando à fiscalização internacional; outro motivo alegado foi a não aceitação brasileira de assinar o Protocolo Adicional, no qual deveria permitir a inspeção às instalações em qualquer local do território brasileiro, mesmo que sem permissão.

Cumpra assinalar que a usina Angra I é de tecnologia americana, apesar de a Alemanha ter sido intermediária, quando o Brasil a adquiriu; já as usinas Angra II e III são de tecnologia alemã.

No que diz respeito às questões ambientais, os cientistas alegam que as usinas termonucleares contribuem menos com o efeito estufa e o único problema seriam os resíduos produzidos por elas, porém a questão residual não é apenas um problema nuclear, mas também, de outras fontes geradoras de energia. Ademais, a quantidade de resíduos nucleares produzida é bem inferior em relação às demais fontes. E as usinas hidrelétricas também apresentam questionamento em relação aos problemas ambientais, como por exemplo, o alagamento e a fumaça.

A título de resumo conclusivo, pontuamos a seguir algumas observações proferidas pelo almirante, Othon da Silva.

- Segundo ele, na década de 90, a inspeção nuclear era mais confiável, pois os segredos tecnológicos eram preservados, verificando-se apenas se realmente não estavam sendo produzidos armamentos nucleares.
- O Brasil detém a sexta reserva mundial de urânio, mas de fato, há muito mais do que as regiões que já são conhecidas, estando as três maiores reservas mundiais com EUA, Austrália e Rússia.
- Somos um país onde não se desenvolve artefatos nucleares, mas a comunidade científica nacional detém conhecimento suficiente para produzi-los, caso seja necessário.
- O Brasil exportava inicialmente o urânio “in natura”, mas atualmente o exporta enriquecido. Nosso país não tem interesse apenas na exportação de seus recursos energéticos, mas utiliza-se da venda deste minério para adquirir capital com o fito de investir na construção de suas instalações nucleares (que já chegaram a ficar paralisadas por 10 anos por falta de investimentos).